Pe. Curzio Nitoglia

A Origem Talmudica do Islã

Pe. Curzio Nitoglia

A Origem Talmúdica do Islã

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

A Tese do Padre Théry.....5
Meca.....8
Nascimento e Casamento de Maomé.....9
A Conversão de Maomé ao Judaísmo.....10
A Formação Religiosa de Maomé e seu Apostolado.....13
Os Ensinamentos do Rabino a Maomé.....13
Reação dos Habitantes de Meca diante da Pregação de Maomé.....14
O Alcorão Árabe: O “Corabor” e o “Corabecrit”.....14
A Composição do Alcorão e a Atividade Literária do Rabino de Meca.....15
O Destino do Alcorão Árabe.....20
O Alcorão Árabe está Perdido.....20
Os Primeiros Muçulmanos.....21
Disputas entre os Cristãos de Meca e o Rabino.....22
Outras Autoridades.....25
Os Judeus em Medina.....34
Maomé se aproxima dos Judeus de Medina.....34
Rumo à Ruptura.....35
Maomé contra os Judeus.....36
Bibliografia.....38

Notas

As citações do Alcorão foram extraídas do volume do padre Théry: "Vrai Mohammed et faux Coran".

A Tese do Padre Théry

Em 1955, o célebre teólogo dominicano, padre Théry[1], sob o pseudônimo de Hanna Zakarias, publicou “De Moïse à Mohammed”, dois volumosos tomos posteriormente reunidos em um só, “Vrai Mohammed et faux Coran”[2], no qual estudava em profundidade a questão das origens do Islã.

No presente artigo, procurarei resumir e ilustrar as teses contidas em seus livros, corroborando-as também com outros estudos sérios e amparando-me no parecer de um célebre orientalista da Universidade de Turim.

Os textos do padre Théry já não são encontrados à venda, mas o essencial de sua tese foi retomado pelo abade J. Bertuel, cuja obra ainda está disponível nas livrarias francesas[3]. Bonnet-Eymard escreve a respeito do padre Théry que ele “deve ser considerado o fundador da “exegese científica” do Alcorão..., embora continue sendo... o grande ausente de todas as bibliografias. É certo que o anonimato [ou o pseudônimo de H. Zakarias, N. do A.] e a edição privada, adotados para não expor a terríveis represálias os religiosos e sacerdotes que trabalhavam em terras islâmicas, acabaram prejudicando sua obra. Publicada sob o verdadeiro nome de seu autor, medievalista respeitado no meio da pesquisa científica, a obra provavelmente não teria sido mais bem recebida pelos islamólogos, mas os teria obrigado a debater abertamente. Fingindo ignorar a identidade de Hanna Zakarias, que em muito pouco tempo deixou de ser segredo para todos, puderam apresentá-lo, sem risco, “de boca em boca, como um blefador e um ignorante: o desprezo pelo autor evidentemente recaía sobre sua obra”[4].

---

1 1891-1959. Foi membro da Academia Pontifícia, cofundador, com Etienne Gilson, de Archives doctrinales et littéraires du Moyen Age, fundador do “Instituto Histórico de Santa Sabina”, em Roma, professor no Instituto Católico de Paris e membro da seção histórica da Sagrada Congregação dos Ritos.

2 N.E.L., Paris, 1960.

3 J. BERTUEL, L’Islam: ses véritables origines, N.E.L., Paris, 1983-84, 3 vols.

4 BRUNO BONNET-EYMARD, fr., Le Coran, ed. CRC, Saint-Parres-lès-Vaudes, 1988, tomo I, p. XIX.

Foi somente em 1960[5], um ano após sua morte, que a revista dos dominicanos de Roma, Angelicum, retirou oficialmente o anonimato que cercava a obra de Théry, resumindo de maneira concisa, mas precisa, o conteúdo dos dois primeiros volumes[6]. As conclusões a que chega o eminente teólogo e historiador dominicano podem ser resumidas da seguinte forma:

I. O Islã é apenas a religião judaica pós-messiânica, explicada aos árabes por um rabino.

II. Maomé jamais foi inspirado por Deus. Converteu-se ao judaísmo talmúdico, incentivado por sua esposa Khadidja, judia de nascimento, e auxiliado por seu mestre, o rabino de Meca, a realizar seu projeto de judaização da Arábia.

III. O Alcorão foi composto e redigido pelo rabino de Meca, e Maomé era apenas um "prosélito da porta".

IV. O Alcorão primitivo (tradução e resumo árabe do Pentateuco de Moisés) foi redigido por um rabino judeu, mas se perdeu depois de Maomé (século VII). O Alcorão atual já não contém, como continha o primeiro, a tradução e a adaptação da história sagrada de Israel; é apenas um livro de anedotas e histórias, quase uma espécie de relatório elaborado pelo próprio autor sobre suas atividades apostólicas, ao qual seria mais correto dar o nome de "Les Actes de l'Islam". Esses "Atos" constituem a única fonte autêntica que nos permite conhecer as origens do Islã, isto é, em essência, a judaização da Arábia, da qual o rabino de Meca, Maomé e sua esposa Khadidja foram os primeiros responsáveis.

Somente o estudo crítico dos "Les Actes de l'Islam" (ou seja, do Alcorão atual) pode nos fornecer uma base sólida para a reconstrução das origens do Islã, isto é, da conversão da Arábia ao judaísmo talmúdico.

Os judeus estavam presentes na Arábia e viviam nos diversos oásis do deserto arábico e nas três cidades de Medina, Meca e Taif. Eram particularmente numerosos em Medina (mais da metade da população). Os cristãos eram menos numerosos que os judeus, mas não eram católicos

5 A edição anterior de De Moïse à Mohammed, sob o pseudônimo de H. ZAKARIAS, foi publicada em 1955 "pelo autor", seguida, em 1963, pelo terceiro tomo póstumo, lançado pela editora Scorpion. Um quarto volume permaneceu em forma de manuscrito.

6 Cf. Angelicum, fasc. 3-4, 1960.

romanos; pertenciam, ao contrário, a seitas heréticas, como o jacobismo e o nestorianismo, e ao cristianismo da Abissínia, fortemente mesclado a elementos judaicos.

V. Os “Actes de l’Islam”, justamente por terem sido escritos por um rabino, são essencialmente anticristãos. Os muçulmanos nada mais são do que árabes convertidos ao judaísmo talmúdico a partir do século VII.

Meca

No século VI, Meca tornou-se um dos mais importantes centros comerciais da península Arábica. Ali, segundo o padre Théry, existia desde o século II o templo da “Caaba”, uma espécie de construção em forma de caixa que atualmente mede 12 metros de comprimento, 10 de largura e 15 de altura, erguida sobre um pedestal de mármore de 25 cm e coberta por um tecido preto trocado todos os anos.

Na “Caaba” encontra-se uma pedra negra, visível ainda hoje[7], cuja origem e datação são desconhecidas; segundo os muçulmanos, ela foi trazida diretamente pelo arcanjo Gabriel.

No século VII, a “Caaba” também estava repleta de pedras cinzentas recolhidas nos desertos da Arábia, consideradas divindades e adoradas como tais; a maioria das pessoas que a frequentavam era formada por árabes politeístas, que veneravam, além da pedra negra incrustada na “Caaba”, as pedras e os ídolos que ela continha[8].

Em Meca, segundo a tese do padre Théry, vivia também uma comunidade judaica, liderada por um rabino de sólida formação e profundo conhecedor do Talmude, que teria concebido o projeto de converter os árabes politeístas à religião pós-bíblica. Para alcançar seu objetivo, teria recorrido a um jovem árabe, Maomé, casado com uma jovem judia, Khadidja; essa é, em resumo, segundo o padre Théry, a história das origens do Islã: a conversão dos politeístas árabes ao judaísmo talmúdico.

---

7 Provavelmente um meteorito.

8 Em Meca, praticava-se ou o politeísmo, que cultuava cerca de dez divindades, entre elas uma tríade feminina, ou a litolatria: o culto às pedras sagradas.

Nascimento e Casamento de Maomé

Costuma-se considerar que Maomé nasceu em 580, embora não haja documentação segura a esse respeito. Sua família era pobre, como atesta o rabino de Meca em “Actes de l’Islam” (o Alcorão atual)[9], e, tendo ficado órfão muito cedo, parece ter sido acolhido por seu tio Abu Tâlib, mercador caravaneiro de Meca. Era um menino esperto e inteligente, e seu tio costumava levá-lo consigo nas caravanas que conduzia até Gaza. Maomé casou-se com Khadidja[10], uma mulher mais velha do que ele, mas muito rica, de personalidade forte e empreendedora, se é verdade, como afirma o padre Théry, que foi ela quem tomou a iniciativa do casamento e que, por conseguinte, era voluntariosa e dominadora diante de um marido receoso de perder sua posição. “Aos 25 anos, Maomé se casou”[11]. Esse casamento com uma judia explica a evolução do jovem árabe, pois sua esposa o levaria a abandonar os ídolos da Caaba para aderir à religião judaica pós-bíblica; depois dela, seria o rabino de Meca quem o instruiria na religião de Israel e o lançaria entre os árabes como seu porta-voz.

9 Sura XVIII, 8.
10 Provavelmente no início do século VI.
11 E. PERTUS, Connaissance élémentaire de l’Islam, Action familiale et scolaire, Paris, 1991, supl. ao nº 65, p. 24.

A Conversão de Maomé ao Judaísmo

O culto aos ídolos ainda era muito difundido em Meca quando uma voz começou a pregar uma nova mensagem aos politeístas árabes. “Juro por Alá (leia-se: Javé), que criou o homem e a mulher. Aquele que dá esmolas e teme a Deus será recompensado. Quanto àquele que é avarento e cheio de presunção, será lançado no abismo. De que lhe servirá sua fortuna? Desde já os advirto sobre um fogo ardente, reservado àquele que não teme”[12].

Como esse orador de Meca conhece bem o Antigo Testamento! Ele divide a humanidade em duas categorias: os que temem a Deus, creem na Ressurreição, no Juízo, no Céu e no Inferno, e os infiéis, os avarentos e os orgulhosos. Em suas pregações, encontramos reminiscências do Antigo Testamento e do Talmude:

“Juro pela figueira e pela oliveira, juro pelo monte Sinai... Aqueles que creem e praticam o bem receberão uma recompensa”[13]. Mas quem é esse pregador que ridiculariza os ídolos da Caaba, anuncia a existência de um Deus único (“Javé” em hebraico, “Alá” em árabe) e jura pela figueira e pela oliveira, as duas árvores da felicidade terrena no Antigo Testamento? É certamente alguém que conhece e anuncia a religião de Israel.

Se, em seguida, aplicarmos a crítica histórica, somos obrigados a concluir, segundo o padre Théry, que esse pregador é judeu. É o próprio orador que nos leva a essa conclusão com suas afirmações: “Tudo o que lhes anuncio está contido em folhas veneradas”[14], “as folhas de Moisés e de Aarão”[15]. “Idólatras de Meca, então vocês não sabem que o Deus Criador falou? Sim, ele falou aqui, no monte Sinai, a Moisés! Foi Javé (o Deus único) quem revelou a Moisés o ‘Alcorão hebraico’, o único Alcorão (Livro Sagrado) que já existiu, o glorioso Alcorão do monte Sinai”[16].

---

12 Sura XCII.
13 Sura XCV.
14 Sura LXXX, 13-16.
15 Sura XXXVII, 114-120.
16 Sura LXXXV, 21-22.

A partir desse texto, o rabino de Meca produzirá uma tradução para o árabe, que será o primeiro Alcorão escrito em árabe; depois, ele se perderá e será substituído pelo atual "Alcorão", que talvez fosse mais exato chamar de "Actes de l'Islam". Os discursos nele encontrados nada contêm que não seja judaico, ou melhor, veterotestamentário, e corroboram a tese de que o autor é um judeu que conhece profundamente o Antigo Testamento e o Talmude, isto é, o rabino de Meca. Os ouvintes do rabino, porém, não querem renunciar aos ídolos de seus antepassados para se converter ao Deus único, "Javé". Entre os presentes, contudo, há um jovem árabe casado com uma judia: à noite, Maomé, às escondidas e incentivado pela esposa, vai até o rabino para conhecer a nova religião. Assim, aprende que existe um só Deus, que suas palavras foram recebidas por Moisés no monte Sinai e registradas em um Livro (o Pentateuco), chamado ALCORÃO em árabe. Como Maomé não é capaz de ler nem de compreender o Alcorão judaico, caberá ao rabino lê-lo para ele e explicar-lhe oralmente as histórias de Abraão, Isaac, Jacó, José e Moisés. Maomé também aprendeu a nova profissão de fé ensinada pelo rabino: "Javé é único; Javé, só ele. NÃO GEROU nem foi gerado. NINGUÉM É IGUAL A ELE"[17]. Que bela profissão de fé judaico-talmúdica e anticristã (o Pai NÃO GEROU o Filho; em Deus NÃO há TRÊS PESSOAS IGUAIS e distintas)! Maomé já não esconde sua conversão: torna-a pública e rompe todos os vínculos com a idolatria da Caaba. Meca fica abalada: não correrá esse árabe casado com uma judia o risco de arruinar o velho Panteão da cidade? A Caaba é um dos santuários mais ricos do país, e Maomé vem para arruiná-lo! Diante das acusações lançadas contra ele por seus compatriotas, seu mestre, o rabino, protegia o discípulo: "Diga-lhes, Maomé: Ó infiéis! Não adorarei o que vocês adoram. E vocês não adoram o que eu adoro. ... A vocês, sua religião. A mim, a minha"[18]. Segundo o padre Théry, ao lado de Maomé jamais houve um "Alá" revelador, mas apenas um judeu que lhe contou as histórias dos Patriarcas contidas no Pentateuco de Moisés. O padre dominicano chega a essa conclusão depois de demonstrar que a conversão de Maomé ao judaísmo ocorreu sob forte pressão de sua esposa, beirando a chantagem psicológica; essa conversão

17 Sura CXII.
18 Sura CIX, 1-6.

deveria servir à judaização da raça árabe, como pretendia o rabino de Meca. “Um único fato é certo e se destaca da leitura... dos ‘Actes de l’Islam’: um árabe, Maomé, marido de Khadidja, depois de seguir as lições de um rabino, converteu-se ao judaísmo entre os árabes. ...Maomé nada mais será do que o porta-voz de um judeu, o discípulo de um rabino, para uma empreitada estrita e absolutamente judaica”[19].

19 H. ZAKARIAS, Vrai Mohammed et faux Coran, N.E.L., Paris, 1960, p. 32.

A Formação Religiosa de Maomé e seu Apostolado

Maomé agora sabe que os ídolos da Caaba são mudos, que Deus não falou. “Oh! Que noite solene foi aquela noite da Revelação!”[20]. Ela aconteceu no monte Sinai: Moisés estava acompanhado de todo o povo eleito ao pé da montanha, uma voz o chamou e Deus lhe revelou a Lei, entregou-lhe um Código, o Alcorão, que é tanto um livro religioso quanto um código legislativo, em hebraico “Torá” (a mensagem religiosa de “Javé” e sua lei). E o Alcorão judaico, ou “Torá”, deveria orientar todos os homens[21]. Em conclusão, para o padre Théry, não foi “Alá” quem revelou a Maomé a história de Israel; Maomé não é um profeta, mas apenas o discípulo devoto de um rabino; o monte Hira, como réplica do Sinai, não existe: Maomé, em essência, é apenas o canal por meio do qual o ensinamento rabínico se transmite para a judaização da Arábia. Os árabes que posteriormente seguiram Maomé deixaram gradualmente de lado a origem judaico-rabínica do Islã, para afirmar e enfatizar cada vez mais a revelação de “Alá” a Maomé, para a glória dos próprios árabes, que assim suplantaram os judeus em sua missão.

Os Ensinamentos do Rabino a Maomé

Com a conversão de Maomé ao Judaísmo, segundo o padre Théry, o trabalho do rabino não chegou ao fim, pois seu verdadeiro objetivo era a conversão de todos os árabes à Sinagoga judaica. Sua missão agora era formar o espírito do neófito, fazer dele um apóstolo do Judaísmo entre seus compatriotas; assim, Maomé receberia uma instrução profunda sobre a história de Israel, aprenderia a rezar como os judeus, a se prostrar voltado para o Oriente e a invocar o nome do Deus Único (mas não em três Pessoas!).

---

20 Sura LXXX 11-15, XCVII, LXXXVII, LXVIII 15-52, LVI 76-77.

21 “É impressionante o espaço que ocupam — no Alcorão — os preceitos relativos às mulheres, minuciosamente detalhados; no entanto, esses mesmos preceitos ocupam cerca de um sétimo do conteúdo do Talmud”. (E. PERTUS, op. cit., p. 41).

Entre os conhecimentos religiosos, “Les Actes de l’Islam” não trazem nada de novo à literatura judaico-talmúdica nem à história sagrada do Antigo Testamento: um paraíso terreno, ou melhor, carnal, é prometido àqueles que se submeterem ao Deus Único de Israel. A apologética empregada para a conversão dos árabes não se baseia em motivos de credibilidade nem nos “preambula fidei”, mas nos instintos mais elementares do homem, na promessa de uma vida futura repleta de prazeres sedutores em troca da conversão ao Judaísmo[22]. Instigado pela esposa, adestrado pelo rabino, o jovem cameleiro não podia deixar escapar a oportunidade que se apresentava: tornou-se o apóstolo do Judaísmo entre os árabes.

Reação dos Habitantes de Meca diante da Pregação de Maomé

Diante da pregação da história sagrada de Israel, os habitantes de Meca respondem mal e com animosidade. Eles não querem seguir o jovem árabe que se converteu à religião de sua esposa. Embora incentivado pelo rabino, Maomé se sente desanimado e tentado a voltar à sua antiga idolatria. “Quase conseguiram seduzir você e afastá-lo daquilo que lhe revelamos”[23].

O Alcorão Árabe: O “Corabor” e o “Corabecrit”

Segundo o padre Théry, a objeção dos habitantes de Meca, de que o Alcorão revelado por Deus a Moisés está escrito em hebraico e, por isso, eles não podem lê-lo nem compreendê-lo, leva o rabino a reescrevê-lo em árabe. Na primeira fase do apostolado do rabino, não há vestígio de um texto religioso destinado aos árabes; na segunda, ao contrário, que começa com a surata LXXX, o rabino conta aos idólatras que existe um livro da

22 Suratas: LXXVII, 41-44; LXXXIII, 47; LXXVIII, 31; LII, 20; LVI, 22; LV, 72; XXXVII, 47; XLIV, 54; XVI, XXXVII, 47; LV, 47.
23 Surata XVII, 75.

Verdade e da orientação, composto de folhas muito antigas, escritas por Abraão, Moisés e Aarão. Essas folhas formam o Alcorão, isto é, um Livro ou livro de Moisés. No entanto, quando o rabino, na surata LXXXV, 21, fala pela primeira vez de um Alcorão glorioso "sobre uma tábua guardada", ele ainda se refere ao Alcorão de Moisés (ou Pentateuco) em língua hebraica. É somente em "Actes de l'Islam" que ele faz alusão a um Alcorão em língua árabe[24]: "Nós o tornamos fácil em sua língua", e também "Nós o revelamos sob a forma de uma revelação árabe"[25].

Em conclusão, o Alcorão em árabe surge como obra de um rabino que traduziu e adaptou para a língua árabe o Pentateuco mosaico e que não contém nenhum dogma novo, nenhuma originalidade, nenhuma nova Revelação. "Alá" nada mais é que a tradução árabe de "Javé" (o Deus Único). O Alcorão tem por autor "Javé", que o confiou em língua hebraica a Moisés em 1280 a.C. e que foi levado ao conhecimento dos árabes por meio de uma tradução do século VIII d.C.

Segundo o padre Théry, Maomé entregará o Alcorão árabe a seus compatriotas em dois momentos sucessivos: primeiro oralmente e, depois, por escrito. A primeira etapa é a do "CORABOR" (Alcorão Árabe Oral), e a segunda, a do "CORABECRIT" (Alcorão Árabe Escrito), tradução para o árabe do Alcorão judaico de Moisés.

A Composição do Alcorão e a Atividade Literária do Rabino de Meca

Recitemos os versículos 86-87 da surata XV: "Na verdade, seu Senhor é o Criador, o Onisciente. Nós já lhe concedemos SETE (VERSÍCULOS) DA REPETIÇÃO e O ALCORÃO SUBLIME". Esses dois versículos são dirigidos pelo rabino a Maomé para lhe dizer que seu Senhor é o Criador, e não os ídolos da "Caaba". Seu autor é aquele que já compôs os sete versículos da Repetição e o Alcorão sublime, isto é, o mesmo rabino que compôs "Actes de l'Islam" e o Corabecrit.

24 Surata LIV, 17, 22, 32, 40.
25 Surata XX, 112.

1) A “Oração das Laudes” ou “Os Sete Versículos da Repetição”.

O autor é evidentemente um judeu: “Seu Senhor é o Onisciente”; portanto, não se trata dos ídolos da “Caaba”. Ao afirmar, em seguida, que já havia “concedido os sete versículos da Repetição”, ele lembra ao discípulo que já havia composto “sete versículos” especiais antes do Corabecrit. De fato, esses versículos são muito diferentes daqueles contidos no Corabecrit e formam um conjunto muito claro, concreto e breve: destinam-se a ser repetidos com frequência, daí o nome “Versículos da Repetição”. São curtos e recitados com frequência; portanto, constituem uma oração: é a oração em sete versículos que os muçulmanos colocam no início de sua coletânea de suratas. Para chegar a essa conclusão, o padre Théry se baseia na exegese do versículo 87 da surata XV de “Actes de l’Islam”, que declara: “Nós já lhe concedemos sete (versículos) da Repetição e o Alcorão sublime”. Ele demonstra que essa oração já havia sido composta na época da surata XV e é posterior ao Corabor, que o rabino narrava a Maomé. Durante esse período, não há nenhum texto em árabe escrito pelo rabino de Meca, que utiliza apenas o “Alcorão” de Moisés (ou Pentateuco), em hebraico, para ministrar o “catecismo” a Maomé em língua árabe, transformando-o, assim, no Corabor. Além disso, o rabino fala primeiro dos “Sete Versículos da Repetição” e depois do “Alcorão Sublime”, conferindo prioridade cronológica à “Oração das Laudes” em relação ao Corabecrit, redigido com finalidade apologética, como concessão aos árabes hostis à pregação de Maomé, para que pudessem conhecer diretamente, por meio de um texto escrito, a Revelação de Javé no monte Sinai. A “Oração das Laudes”, ao contrário, contemporânea do “Corabecrit”, não é uma obra apologética e, por se dirigir aos árabes JÁ convertidos ao Judaísmo, pressupõe a existência de uma comunidade de muçulmanos já convertidos ao Deus de Israel, depois de abandonarem os ídolos da “Caaba”.

2) O Alcorão Árabe Escrito (Corabecrit).

Enquanto compunha a “Oração das Laudes”, o rabino também trabalhava na tradução para o árabe do Alcorão de Moisés, o Corabecrit ou Alcorão sublime mencionado na surata XV, versículo 87. Mas o que

significa exatamente Alcorão? É um escrito destinado à recitação, um livro que se lê em voz alta e se salmodia, e também um livro de ensinamentos. Ao traduzir e adaptar para o árabe o Pentateuco mosaico, o único objetivo do rabino era ensinar aos árabes a revelação do Sinai; por isso, o Corabor e o Corabecrit nada mais são do que uma repetição (oral e escrita) do Alcorão de Moisés. Em “Actes de l’Islam” (o atual Alcorão), lê-se: “O Livro de Moisés é um modelo (um guia) da Misericórdia divina”[26]. Deus é o autor das verdades que ele contém, reveladas a Moisés em 1280 no monte Sinai, como confirmam as suratas do Alcorão árabe: “Ele (o Alcorão) é a confirmação do que havia antes dele (Pentateuco). Não é senão a explicação do Livro do Senhor dos Mundos”[27]. “Antes deste (o Alcorão árabe), havia o Livro de Moisés... E este é um livro que confirma o outro, em língua árabe”[28].

3) Os Atos do Islã.

Hoje conhecemos um livro impropriamente chamado “Alcorão”, que contém 114 capítulos ou suratas e 6.226 versículos. Não há identidade — afirma o padre Théry — entre o Alcorão árabe, composto pelo rabino de Meca no século VIII, e o Alcorão oficial que possuímos hoje (que seria mais adequado definir como “Actes de l’Islam”); em suma, o “Alcorão” atual não é o original. De fato, nos versículos 86-87 da surata XV, o autor lembra a Maomé que já compôs duas obras, uma “Oração das Laudes” e o “Alcorão Sublime”: essa afirmação mostra que ele é também o autor de uma TERCEIRA OBRA, a atual, que contém a surata XV. É por isso que nos encontramos diante de três obras distintas:

1. A Oração das Laudes ou Sete Versículos.
2. O Alcorão árabe (oral ou escrito) [perdido].
3. Um terceiro escrito (que inclui a surata XV, na qual, nos versículos 86-87, são mencionadas as duas obras anteriores).

É somente pela leitura dos versículos 86-87 que se pode concluir que a obra à qual eles pertencem, comumente chamada de maneira equivocada de Alcorão, é nitidamente diferente do “Corabor” ou do “Corabecrit” e

26 Surata XI, 20.
27 Surata X, 38.
28 Surata XLVI, 11.

deveria chamar-se Pseudo-Alcorão ou “Atos do Islã”. As diferenças existentes entre as duas obras, o Alcorão árabe e o “Alcorão atual”, são de três tipos.

1ª Diferença Cronológica.

Na época da surata XV, o “Corabor” e o “Corabecrit” já estavam concluídos: “Nós já lhe concedemos o Alcorão Sublime”. Pode-se, portanto, afirmar que o “Corabecrit” foi composto no início do segundo período de Meca: “Nós o tornamos fácil em sua língua, isto é, adaptamos para o árabe o Alcorão hebraico de Moisés”. A adaptação do Alcorão de Moisés já estava concluída quando o rabino escrevia os “Atos do Islã”, que contêm a surata XV; mas o livro ao qual ela pertence ainda não estava inteiramente concluído: iniciado com o apostolado do rabino, narra suas vicissitudes e o acompanha enquanto ele vive. Só será concluído com o fim do apostolado do rabino, por meio da conversão de Maomé e, através dele, de todo o povo árabe. Por sua natureza, esse livro, que é como um diário da vida apostólica do rabino de Meca e apresenta semelhanças com os “Atos dos Apóstolos” dos cristãos, foi definido pelo padre Théry como os “Atos do Islã”, provavelmente concluído em sua versão definitiva em Medina, embora tenha sido iniciado em Meca.

2ª Diferença de Finalidade.

O Alcorão árabe é essencialmente:

a) um livro de orações judaicas, destinadas a levar os árabes de Meca a tomar consciência da Providência de Deus e a abandonar o politeísmo para abraçar a fé em Javé.

b) É também um livro litúrgico: assim como se recita a Torá (ou Alcorão judaico) em hebraico nas sinagogas, também os judeu-árabes ou muçulmanos (submetidos a Javé, Deus Único de Israel) deverão recitar em suas assembleias o Alcorão árabe, em língua árabe. Os Atos do Islã, ao contrário, não são nem um livro de orações nem um livro litúrgico, mas a crônica do trabalho apostólico do rabino de Meca e de Maomé.

3ª Diferença: Aspectos Literários.

- O Alcorão árabe deveria ser essencialmente um livro dogmático, de ensinamentos, estável e imutável.
- Os Atos do Islã, ao contrário, narram as inúmeras vicissitudes da afirmação, em Meca, da religião judaico-rabínica e as violentas lutas do período de Medina. Trata-se de uma verdadeira CRÔNICA, que nos relata as reações dos habitantes de Meca, que não querem renunciar a seus ídolos, e as ações de Maomé, sob a influência de Khadidja e do rabino.

"Em suma — conclui o padre Théry —, o livro dos 'Atos', que todos hoje chamam de 'Alcorão', não é o Alcorão árabe, ou adaptação árabe do Alcorão de Moisés. Das três obras compostas em árabe pelo rabino de Meca, foram preservados até hoje a 'Oração das Laudes' e 'Os Atos do Islã'"[29].

29 Op. cit. p. 112.

O Destino do Alcorão Árabe

O Alcorão Árabe está Perdido.

Uma pergunta surge espontaneamente: “Que fim levou?”. Seria preciso procurar, entre a grande quantidade de manuscritos árabes, para verificar se existe uma versão árabe do Pentateuco e, caso fosse encontrada, compará-la aos breves relatos da história sagrada de Moisés presentes nos “Atos do Islã”. O certo — segundo o padre Théry — é que o verdadeiro Alcorão árabe está perdido. Nada mais era do que a explicação das principais histórias do Antigo Testamento escritas em hebraico. Hoje ninguém possui esse livro. Os muçulmanos contemporâneos de Maomé e de seu mestre o possuíam; os muçulmanos atuais já não o possuem. O único escrito do século VII que ainda conservam é a “Oração das Laudes” ou os “Sete Versículos da Repetição”, colocada como prólogo de seus “Atos”, também do século VII. Contudo, nos “Atos do Islã” encontram-se EXCERTOS (além da história da judaização da Arábia) do verdadeiro Alcorão árabe. Os “Atos” têm, portanto, enorme importância para conhecermos a existência, a data e o autor do “Corabecrit” e, em parte, seu conteúdo. É como se, por absurdo, tivéssemos perdido os quatro Evangelhos, mas conservado os “Atos dos Apóstolos”. Graças aos “Atos do Islã”, podemos conhecer algo sobre a origem do Islã: os próprios “Atos” são um livro judaico, mas de um Judaísmo DILUÍDO, para não ferir a suscetibilidade dos árabes idólatras. O rabino, segundo o padre Théry, limita-se a falar da existência de um Deus Único, de sua bondade e da Ressurreição. Quanto à história sagrada que constituía a essência do verdadeiro Alcorão, nos “Atos” ela é apenas brevemente mencionada, pois personagens do Antigo Testamento (Moisés, Abraão, Noé etc.) são somente citados e vagamente relembrados.

A perda do Alcorão é um fato grave, mas é atenuada pela existência dos “Atos”, que permitem uma reconstrução parcial. Quanto às conjecturas sobre o destino do autêntico Alcorão árabe, pode-se pensar que ele tenha

sido destruído em Medina por Othmân ou Abu-Bakr, ou que tenha se perdido... mas não é possível ter certeza a esse respeito.

Os Primeiros Muçulmanos

O primeiro período de Meca caracteriza-se pelo apostolado do rabino e pela conversão de Maomé ao Judaísmo; o segundo, pela presença do Alcorão árabe oral, por meio do qual Maomé catequizará seus compatriotas. Ele passa, então, a fazer parte dos "prostrados"[30], que, na literatura rabínica, são os adoradores de Javé, isto é, os judeus. Maomé reza prostrado como eles, frequenta a sinagoga e compartilha sua fé. Ele reúne os árabes para fazer com que também se tornem prostrados. É preciso analisar aqui uma palavra fundamental, que, por si só, basta para nos fazer compreender a essência do Islã. Os grandes personagens do Antigo Testamento foram grandes porque eram SUBMISSOS A DEUS, e o Alcorão árabe os apresenta como modelos a seguir: por isso, o muçulmano (ou o árabe que aceita o Alcorão árabe) é alguém SUBMISSO a Deus, um MUSLIM (ou muçulmano). E os Patriarcas foram submissos à vontade de Deus e, portanto, "muçulmanos". Na época do rabino que foi mestre de Maomé, os termos muçulmano e Islã não representam uma nova religião, mas a religião do passado em oposição ao Cristianismo, a religião judaico-talmúdica que rejeita precisamente a divindade de Cristo. Os muçulmanos por excelência são, portanto, os judeus; os árabes deverão imitá-los e são muçulmanos por participação.

A religião dos muçulmanos (ou dos submissos a Deus) chama-se ISLÃ e nada mais é do que a religião da Sinagoga judaico-talmúdica exportada para a Arábia: Islã significa, portanto, SUBMISSÃO TOTAL À VONTADE DE DEUS. "Aquele que Javé (ou Alá, em árabe) deseja preservar, Ele abre seu coração para o Islã [para a submissão total de sua vontade a Deus]"[31]. Chegará o tempo em que os árabes, querendo fazer esquecer suas origens judaicas (quanto à religião que abraçaram no século

30 Surata XXVI, 217-219.
31 Surata VI, 125.

VII com Maomé), se declararão os únicos e autênticos MUÇULMANOS, e não mais os MUSLIMIZADOS; os únicos representantes do ISLÃ, e não os ISLAMIZADOS. Esse será o início do grande blefe religioso da bacia do Mediterrâneo[32], que nos apresentará "Alá" revelando a seu profeta Maomé o Alcorão, isto é, a religião muçulmana ou islâmica, como algo próprio dos árabes, novo povo eleito de Deus, totalmente "submisso" à sua Vontade.

Disputas entre os Cristãos de Meca e o Rabino

Os cristãos que viviam em Meca, segundo o padre Théry, haviam subestimado o início da pregação do rabino, mas logo começaram a se preocupar ao ver os avanços do Judaísmo entre o povo árabe. Maomé já havia convencido alguns de seus compatriotas, e o rabino já havia traduzido o Pentateuco para o árabe e acrescentado a ele interpolações talmúdicas e anticristãs. Os cristãos decidiram então entrar publicamente na disputa que opunha os idólatras aos judaizantes. Assim como o rabino havia pregado a Maomé os personagens do Antigo Testamento, também os cristãos deveriam pregar os personagens do Novo Testamento, especialmente São João Batista, a Virgem Maria e Nosso Senhor Jesus Cristo. Naturalmente, não possuímos o texto das pregações dos cristãos de Meca, mas nos "Atos do Islã" lemos as respostas do rabino e, a partir delas, podemos reconstruí-las. Naturalmente, os cristãos não rejeitam a Revelação do monte Sinai. Assim como hoje todo bom cristão aceita o Antigo Testamento, aperfeiçoado no Evangelho de Jesus Cristo, eles rejeitam, porém, as fábulas talmúdicas que desfiguraram a Revelação do Sinai. O ponto central que separa o cristão do judeu (e, portanto, do muçulmano) é o dogma da Unidade e da Trindade de Deus e da Encarnação, da Paixão e da Morte de Nosso Senhor. Os cristãos de Meca pregavam a Santíssima Trindade e a Encarnação do Verbo eterno, Nosso Senhor Jesus Cristo crucificado pelos judeus, para preservar os árabes do Cristianismo e libertá-los do Talmudismo. A conversão de Maomé ao

32 Op. cit., p. 129.

Judaísmo era muito perigosa para o Cristianismo, que, na Arábia, já havia conhecido momentos de prosperidade e sucesso. Com base nas respostas dadas pelo rabino de Meca nos “Atos do Islã”, pode-se deduzir que os cristãos de Meca haviam concentrado sua pregação — para converter os idólatras a Cristo, manter os árabes já convertidos e impedir que o apostolado de Maomé entre seus compatriotas desse frutos — em três temas principais: São João Batista, a Santíssima Virgem Maria e Nosso Senhor Jesus Cristo. São justamente esses três temas que o rabino retoma, em sua contraofensiva, nos “Atos do Islã”, ao misturar a seus relatos sobre os Patriarcas do Antigo Testamento — que são os verdadeiros muslim, isto é, submissos — histórias do Novo Testamento, esvaziadas de todo sabor cristão e dotadas até mesmo de um conteúdo essencialmente anticristão. As histórias do Batista, de Maria e de Jesus nos “Atos do Islã” são apenas a resposta do Judaísmo à pregação dos cristãos de Meca e tinham como único objetivo converter os árabes ao Judaísmo. Não é verdade que o Alcorão atual tenha pontos de contato com o Cristianismo! Ao contrário! Se o rabino fala de Jesus, é apenas para dizer que Ele não era Deus, que era um grande homem, mas não Deus; e isso, evidentemente, não é um ponto de contato com o Cristianismo, mas um ponto de ruptura. Os três personagens do Evangelho — o Precursor de Jesus, a Mãe de Jesus e o próprio Jesus — não são apresentados como objetos da fé muçulmana, mas são refutados e esvaziados de todo valor cristão. Em suma, Jesus Cristo, nos “Atos do Islã”, não é o Cristo do Evangelho, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade que se encarnou no seio de Maria; neles, o Batista não é o Precursor do Messias, nem Maria, a Mãe de Deus. Essas figuras perderam por completo, no Alcorão atual, todo sentido cristão; são até mesmo o oposto do Cristianismo, que é a religião da divindade de Jesus Cristo. Se o rabino contra-atacou, foi para responder às objeções levantadas contra seu apostolado pelos cristãos de Meca, que anunciavam o Cristo crucificado, “loucura para os idólatras e escândalo para os judeus”. É hora, portanto, de deixar de apresentar ecumenicamente o Alcorão atual como um livro respeitoso do Cristianismo! (Essas afirmações não provêm de “Alá” nem de Maomé, seu profeta, mas do

rabino de Meca, sucessor daqueles que crucificaram Nosso Senhor Jesus Cristo).

Os “Atos do Islã” nos falam do Batista[33], mas inteiramente separado de Jesus Cristo — de quem, ao contrário, é o Precursor —, como um dos numerosos milagres que Javé realizou em Israel: ele é uma figura da Antiga Aliança que nada tem a ver com a Nova e Eterna Aliança. A Santíssima Virgem também, nos “Atos do Islã”[34], nada tem em comum com a Virgem Maria, Mãe de Deus. Assim como já havia feito com o Batista, o rabino situa Maria na Antiga Aliança e ignora toda relação dela com a Nova e Eterna Aliança. Apesar disso, infelizmente, ainda encontramos cristãos acometidos de sincretismo que querem, a todo custo, enxergar no “Alcorão” uma consideração e uma devoção marianas que, na verdade, só existem em sua imaginação. Por exemplo, segundo o rabino, a Santíssima Virgem é irmã de Moisés e Aarão e viveu 1.200 anos antes da Santíssima Virgem[35]: “Ó irmã de Aarão, teu pai não era um homem indigno, nem tua mãe uma prostituta”. Por fim, eles chegam a Jesus, “pedra angular e pedra de tropeço”. O pseudo-Alcorão procurará destruir sua Pessoa divina, na qual subsistem duas naturezas, a natureza divina *ab aeterno* e a natureza humana, assumida no seio da Bem-aventurada Virgem Maria. Para o rabino, Jesus é apenas um Profeta judeu, e chamá-lo de Deus seria uma blasfêmia... Mas alguém, como nos relata o Evangelho, já havia bradado “blasfêmia” ao ouvir o próprio Jesus afirmar que era Deus: tratava-se de Caifás, sumo sacerdote da religião judaica! E o pseudo-Alcorão adverte de modo especial contra essa heresia, que, segundo ele, é perigosa: apresentar Cristo como Deus. “Javé fez descer sobre Moisés a Escritura, para advertir aqueles que dizem: ‘Deus tomou para si um filho’... É monstruosa a palavra que sai de suas bocas. Eles não dizem senão uma mentira”[36]; “Na verdade, Javé... não tomou para si companheira nem filho”[37]. Para o Alcorão atual, Jesus é apenas um servo de Javé, um bom profeta, mas de modo algum o Filho de Deus, consubstancial ao Pai.

---

33 Surata XIX, 1-15.
34 Surata XIX, 16-21.
35 Surata XIX, 29.
36 Surata XVIII, 3-4.
37 Surata LXXII, 3.

Outras Autoridades

Há outras autoridades que podem ser citadas como contraponto à conclusão a que chega o padre Théry. Eis algumas delas. Segundo Edward Pertus, Maomé teria convivido em Meca com cristãos judaizantes, e isso explicaria a falsa interpretação do Cristianismo contida no Alcorão, como, por exemplo, a negação da divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo e da maternidade divina de Maria, já professada por Nestório[38].

O historiador judeu Bernard Lazare afirma igualmente que "Maomé foi nutrido pelo espírito judaico"[39]. A posição de um dos mais célebres islamólogos atuais, Bernard Lewis — também judeu —, é a seguinte: "Os judeus, inclusive os 'convertidos' ao Cristianismo, continuavam sendo orientais; no conflito em torno da Questão Oriental, tomavam o partido da Ásia contra a Europa, do mundo islâmico contra o mundo cristão. A AMIZADE ENTRE JUDEUS E MUÇULMANOS ERA UM FATO PREVISÍVEL... Durante vários séculos, sobretudo no passado recente, evidentemente [após a criação do Estado de Israel, n. da r.], A MAIORIA DO POVO JUDEU MANIFESTOU UMA VIVA SIMPATIA PELOS MUÇULMANOS. Um inimigo comum é um forte vínculo de amizade e, NO MOMENTO EM QUE OS CRISTÃOS ERAM INIMIGOS TANTO DOS MUÇULMANOS QUANTO DOS JUDEUS, ESSES DOIS POVOS FIRMARAM UMA ESPÉCIE DE ALIANÇA ENTRE SI. ...Na época das cruzadas, os judeus foram os aliados que ajudaram os muçulmanos a repelir a onda da invasão cristã... e, na Espanha, os judeus foram aliados e amigos fiéis dos mouros contra os habitantes cristãos do país. ...Os judeus prosperaram na Espanha muçulmana e encontraram refúgio na Turquia muçulmana. ...Nada no Islã se comparava a esse ódio específico... dirigido contra os judeus no mundo cristão. ...Poderíamos falar de uma TRADIÇÃO JUDAICO-ISLÂMICA, uma vez que A RELIGIÃO MUÇULMANA ...ESTÁ ESTREITAMENTE LIGADA A SEUS ANCESTRAIS JUDEUS"[40].

---

38 Cf. E. PERTUS, Connaissance élémentaire de l'Islam, Action familiale et scolaire, Paris 1991, supl. ao nº 65.
39 B. LAZARE, L'antisémitisme, Documents et témoignages, 1969, p. 51.
40 B. LEWIS, La rinascita Islamica, Il Mulino, Bolonha 1991, pp. 187-205.

Para quem lê o Alcorão, a influência do Judaísmo é evidente. Quanto à interpretação dessa influência, há diferentes explicações: alguns, como o padre Théry, veem no Judaísmo o único motor do Islã; outros, como Pertus, identificam influências judaicas e, ao mesmo tempo, embora menos fortes, influências nestorianas ou cristãs judaizantes. Permanece, porém, o fato comprovado da relação de causa e efeito entre o Judaísmo pós-bíblico e o Islã, uma vez que as heresias antitrinitárias ou que negavam a divindade de Cristo — como o Nestorianismo — foram amplamente fomentadas pelo Judaísmo[41]. O próprio Pertus reconhece que "o Alcorão foi profundamente impregnado, se não inspirado, pelo Judaísmo"[42]. É por isso que as palavras de Arafat — líder da O.L.P. — não devem nos surpreender: "O JUDAÍSMO É PARTE DA MINHA RELIGIÃO"[43]; "QUEREMOS A PAZ COM NOSSOS PRIMOS JUDEUS"[44]. René Sirat, presidente dos rabinos europeus, também confirmou o vínculo que une o Judaísmo ao Islã e, em contrapartida, a oposição existente entre Israel e a Igreja Católica Romana. O ex-grão-rabino da França e atual presidente do conselho permanente da Conferência dos Rabinos Europeus declarou à "30 JOURS": "Desejo que a mesma qualidade de diálogo seja possível com os cristãos de todas as confissões e com os muçulmanos. COM ESTES ÚLTIMOS, NÓS, JUDEUS, NÃO TEMOS NENHUMA DIVERGÊNCIA TEOLÓGICA, POIS OS MUÇULMANOS NÃO AFIRMAM SER O 'VERDADEIRO ISRAEL' [como os cristãos]. Para eles, somos... o povo do Livro. PORTANTO, O DIÁLOGO COM ELES SERÁ MUITO MAIS FÁCIL"[45].

"A polêmica judaica — escreve Messori[46] — [está] convencida de que O EVANGELHO EM SI MESMO (com sua narrativa da Paixão e da Morte de Jesus por responsabilidade do Sinédrio) constitui uma fonte eterna de hostilidade antijudaica. Para dizê-lo com a crua sinceridade de um autor judeu: 'Enquanto alguém tomar como histórico o relato evangélico da Paixão de Jesus, isso será perigoso para nós'.

---

41 Cf. J. MEINVIELLE, Dalla Cabala al progressismo, Roma 1989.
42 E. PERTUS, op. cit., p. 26.
43 Entrevista de Arafat, LA STAMPA, 15/9/1993.
44 L'Osservatore Romano, 21/8/1994, p. 2.
45 30 JOURS, fevereiro de 1994, p. 10.
46 V. MESSORI. Pensare la Storia, ed. Paoline, Milão 1992, p. 624.

O Islamismo, ao contrário, não é considerado igualmente perigoso pelos judeus, e costuma-se atribuir apenas aos DETALHES DAS CIRCUNSTÂNCIAS HISTÓRICAS o conflito entre a Estrela de Davi e o Crescente muçulmano. No próprio passado, porém, houve um vínculo estreito entre o Islã e o Judaísmo com uma finalidade anticristã: o Islã se firmou aqui [em Israel] com a ajuda ativa e em meio aos clamores de exaltação desses mesmos judeus que agora tentam... combatê-lo com armas. Maomé morreu em 632. Pouco mais de vinte anos bastaram para que as hordas árabes saídas do deserto chegassem ao Ocidente. ...Uma guerra-relâmpago sem precedentes e que só pode ser explicada quando se considera O PAPEL QUE TAMBÉM TIVERAM NELA AS COMUNIDADES JUDAICAS. De fato, está historicamente comprovado que, por aversão ao Cristianismo, OS JUDEUS DESEMPENHARAM O PAPEL DE 'QUINTA COLUNA' EM FAVOR DOS MUÇULMANOS. Isso não é uma lenda, mas a verdade encontrada também nas crônicas árabes: eles chegavam a entregar aos sitiantes [muçulmanos] as chaves das cidades e a revelar os pontos fracos da defesa. É fato que a chegada da cavalaria árabe foi saudada com entusiasmo pelos judeus. ...Como escreve ... Daniel Rops: 'Os judeus se tornaram, e com alegria, os precursores dos conquistadores muçulmanos. ...NO MOMENTO DAS INVASÕES, AS COMUNIDADES JUDAICAS ESTIVERAM CONSTANTEMENTE AO LADO DOS ASSALTANTES'"[47].

Já em 1833, o pesquisador judeu Abraham Geiger publicou o célebre livro Was hat Mohammed aus dem Judenthume aufgenommen? (O que Maomé assimilou do Hebraísmo?), no qual, ao estudar a influência da religião judaica pós-cristã sobre a religião islâmica, destacava os elementos veterotestamentários e rabínicos presentes nos primeiros textos islâmicos e chegava à conclusão de que se tratava de CONTRIBUIÇÕES JUDAICAS AO ISLÃ[48]. Esse primeiro estudo, que antecedeu em nada menos que cento e trinta anos o do padre Théry, foi seguido por muitos outros. "Alguns pesquisadores chegaram a formular a hipótese de que Maomé teria tido mestres ou educadores judeus que lhe forneceram os

47 Ibidem, pp. 117-118.
48 A. GEIGER, Was hat Mohammed aus dem Judenthume aufgenommen?, Bonn 1833, ed. Rivista, Leipzig 1902.

rudimentos de sua religião”[49]. Essas opiniões foram compartilhadas até mesmo pelo célebre arabista escocês Richard Bell e pelo grande pesquisador sueco Tor Andrae, professor de religiões comparadas. “Mais recentemente, surgiram novas abordagens sobre o tema das... influências judaicas. Embora a origem judaica de certos conceitos islâmicos tenha sido inicialmente demonstrada por pesquisadores judeus, em sua maioria rabinos... Muito recentemente, a obra de dois jovens pesquisadores... apresentou a relação histórica entre o Judaísmo e o Islã sob uma perspectiva inteiramente nova, na qual o papel atribuído ao Hebraísmo no Islã é descrito como algo muito mais importante do que uma simples ‘contribuição’ ou ‘influência’.

Esse trabalho, que apresenta o ISLÃ como uma espécie de DERIVA... do Judaísmo[50], suscitou violentas controvérsias”[51]. Bernard Lewis, um dos mais célebres orientalistas contemporâneos[52], também cita Hanna Zakarias (pseudônimo do padre Théry), “conhecido pesquisador dominicano”[53]. É interessante encontrar no livro de Lewis[54] as analogias entre o Judaísmo e o Islã e uma oposição entre o Judaísmo e o Cristianismo muito mais radical do que a existente entre o Judaísmo e o Islã. Com efeito, “enquanto os judeus reconheciam o Islã como uma religião estritamente monoteísta do mesmo tipo que a sua, tinham dúvidas, compartilhadas pelos muçulmanos, a respeito do Cristianismo. ...Era menos grave professar que Maomé era o profeta de Deus do que afirmar que Jesus era o Filho de Deus... Quanto às regras alimentares, o Judaísmo e o Islã também são muito semelhantes entre si e diferentes do Cristianismo”[55].

O problema das relações entre o Judaísmo e o Islã também foi abordado recentemente por Shelom Goitein, professor emérito da Universidade Hebraica de Jerusalém e atualmente membro do Institute for Advanced Study de Princeton, que afirma: “A cidade de Medina...

49 B. LEWIS, Gli Ebrei nel mondo Islamico, Sansoni, Florença 1991, p. 72.
50 P. CRONE-M. COOK, Magarism: the Making of the Islamic World, Cambridge, Inglaterra, 1977.
51 B. LEWIS, op. cit., p. 73.
52 É professor de história do Oriente Médio na Universidade americana de Princeton.
53 B. LEWIS, op. cit., p. 204.
54 Pp. 82-86.
55 Ibidem, pp. 87-88. Sobre o tema, ver também: S. W. BARON, Social and Religious History of the Jesus, Nova York 1952. E. I. J. ROSENTHAL, Judaism and Islam, Londres 1961. A. I. KATSH, Judaism in Islam, Nova York 1962. S. D. GOITHEIN, Studies in Islamic History and Institutions, Leiden 1966. M. R. COHEN, The Jewish self-Government in Medieval Egipt, Princeton 1980.

abrigava uma população judaica tão numerosa que, por seu exemplo... conseguiu preparar seus vizinhos árabes para aceitar a religião monoteísta”[56]. Medina, principal centro da atividade de Maomé, foi originalmente uma cidade de *Kohanim* (sacerdotes) judeus. “O testemunho mais eloquente do caráter judaico das comunidades israelitas da Arábia... encontra-se no próprio Alcorão, que faz contínuas referências a seus rabinos. O Alcorão alude várias vezes ao sábado como dia de descanso, ao jejum judaico e a outras leis... encontradas na literatura talmúdica”[57].

O Alcorão afirma[58] que a Ressurreição acontecerá num piscar de olhos; e esse versículo, observa o pesquisador, é recitado pelos judeus três vezes ao dia. “Por fim, no Livro Sagrado do Islã foram encontrados inequívocos ‘Midrashim’ judaicos que, até hoje, não foram localizados na literatura judaica. ...Por isso, encontram-se no Alcorão passagens que elogiam os judeus por observarem o sábado ou que os repreendem por não o observarem; essas lendas só podem ter origem em uma fonte judaica”[59].

Goitein pergunta, então, qual religião Maomé tomou como modelo imediato ou quem foram seus mestres, visto que o Alcorão faz várias alusões a pessoas que instruíram o Profeta. A resposta pode ser tripla. Uma primeira tese sustenta que o Alcorão contém grande quantidade de materiais que podem remontar tanto a fontes judaicas quanto cristãs. Mas, segundo uma segunda tese, o que Maomé diz a respeito de Jesus Cristo e do Cristianismo não pode ser aplicado a nenhuma das diversas confissões cristãs da época e, portanto, a hipótese cristã seria descartada. Por fim, segundo uma terceira tese, poderia ter existido uma tradição de caráter gnóstico e esotérico que teria influenciado Maomé, uma espécie de gnosticismo cristão reconduzível, como antitradição parasitária, à Cabala judaica impura. Essa é, na prática, a tese de Harnack, segundo a qual “o Islã é uma reelaboração da religião judaica em solo árabe, depois que essa mesma religião judaica sofreu modificações por influência de um cristianismo gnóstico-judaico”[60].

---

56 S. D. GOITHEIN, Ebrei e Arabi nella storia, Jouvence, Roma 1980, p. 59.
57 Ibidem, p. 63.
58 Surata XVI, 77.
59 S. D. GOITEIN, op. cit., p. 65.
60 Dogmengeschichte, II, pp. 553-557.

Mas, segundo Goitein, essa tese não pode ser sustentada, pois a pregação de Maomé não contém nenhuma ideia verdadeiramente gnóstica e revelaria uma posição religiosa muito diferente daquela dos círculos esotéricos. A segunda tese, como vimos, parece excluir-se por si só: resta, portanto, investigar a vertente judaica na formação do Islã. Goitein sustenta que "no último período de sua atividade, em Medina, MAOMÉ FOI CONSIDERAVELMENTE INFLUENCIADO PELO PENSAMENTO E PELO MODO DE VIDA DOS JUDEUS. ...A ESPIRITUALIDADE DE MAOMÉ, com seu monoteísmo irredutível [interpretado com uma finalidade antitrinitária, n. da r.], TINHA, NESSE ASPECTO, MUITO DO ESPÍRITO DO JUDAÍSMO. ...a hipótese de que Maomé, no início de sua atividade como profeta, tenha sido inspirado principalmente por cristãos... inclusive por judaico-cristãos, parece dever ser descartada de maneira ainda mais categórica pelo simples fato de não haver nenhuma referência à figura — nem sequer ao nome — de Cristo. ...Tem-se a impressão de que Maomé realizou um estudo específico dos... dogmas cristãos apenas numa fase muito posterior de sua atividade"[61]. Por outro lado, a figura predominante do Alcorão é Moisés, citado mais de cem vezes, contra apenas quatro menções a Jesus Cristo. Além disso, as histórias sobre Moisés permeiam todo o Alcorão e não se limitam a determinados capítulos específicos. O grupo judeu que influenciou Maomé não era, portanto, uma seita judaico-cristã e ebionita, pois o ALCORÃO APRESENTA AFINIDADES MUITO ESTREITAS COM A LITERATURA TALMÚDICA. Por isso, a solução proposta por Goitein é a da influência do Judaísmo talmúdico sobre o Islã. "A batalha que Maomé venceu de forma tão gloriosa e fácil sobre seus compatriotas árabes foi decidida vários séculos antes, nas colinas da Judeia. OS VERDADEIROS VALORES DA FÉ EM UM ÚNICO DEUS... CHEGARAM A MAOMÉ, como ele nunca deixou de ressaltar, vindos de ISRAEL"[62].

O Islã, assim como o Judaísmo, é uma religião de "Halaká", isto é, um preceito que regula MINUCIOSAMENTE todos os aspectos da vida.

---

61 S. D. GOITEIN, op. cit., pp. 68-69.
62 Ibidem, p. 74.

“Diante dessas considerações — conclui Goitein, confirmando a conclusão de Théry —, somos levados a pensar que A INFLUÊNCIA DO JUDAÍSMO SOBRE O ISLÃ DAS ORIGENS DEVE TER SIDO MUITO CONSIDERÁVEL, SENÃO DECISIVA”[63].

Outro conhecido historiador e jornalista, Paul Johnson, escreve com grande lucidez sobre as relações entre o Islã e o Judaísmo: “...o Islã foi, em sua origem, um movimento heterodoxo no interior do Judaísmo, do qual se afastou a ponto de se tornar uma religião independente. ... A presença judaica na Arábia é muito antiga... Nos primeiros tempos da era cristã, o Judaísmo difundiu-se pelo norte da Arábia, e algumas tribos tornaram-se inteiramente judaicas. Há evidências de que poetas judeus floresceram na região de Medina no século VII, e é até possível que tenha existido ali, naquela época, um Estado dominado por judeus. Segundo fontes árabes, cerca de vinte tribos de Medina e dos arredores eram judaicas... A influência do Cristianismo, que a seus olhos [de Maomé, n. da r.] não podia parecer estritamente monoteísta, foi muito fraca... Parece que o objetivo de Maomé era destruir o paganismo politeísta da civilização dos oásis, transmitindo aos árabes o monoteísmo ético hebraico numa linguagem que pudessem compreender e em termos adaptados a seus costumes. Ele aceitou o Deus dos hebreus e seus profetas... sendo o Alcorão o substituto árabe da Bíblia. O desenvolvimento, por parte de Maomé, de uma religião independente começou quando ele percebeu que os judeus de Medina não estavam dispostos a aceitar sua versão árabe do Judaísmo, elaborada arbitrariamente”[64].

Lea Sestrieri também compartilha, em essência, a mesma opinião a respeito da origem judaica do Islã e da “ruptura” que se seguiu: “Em contato com os judeus... os árabes haviam adquirido certa familiaridade com a ideia monoteísta. Não é de surpreender que, em determinado momento, um deles... tenha sentido o chamado do Deus Único. ...É muito provável... que os árabes, cuja religião era essencialmente idólatra, tenham passado a sentir horror pela idolatria por meio do contato permanente com os judeus, que há séculos viviam entre eles. ...A essência da doutrina de

63 Ibidem, p. 76.
64 P. JOHNSON, Storia degli ebrei, Longanesi, Milão 1987, pp. 186-187.

Maomé pode ser resumida nos seguintes pontos: crer em Deus, nos Anjos e nas Escrituras... A isso se podem acrescentar a oração, a esmola, os jejuns e as peregrinações a Meca. Cada um desses pontos remete à fé e à prática judaicas, inclusive a ideia da peregrinação (na qual apenas a cidade muda)”[65]. Lea Sestrieri pergunta como ocorreu a ruptura entre o Judaísmo e o Islã, que ainda hoje continuam a se chamar de primos (cf. nota nº 51), e responde: “A separação entre Judaísmo e Cristianismo foi determinada... pelo caráter cristológico de Jesus [e pela divindade de Jesus, n. da r.]... Mas, na pregação de Maomé, não há doutrinas que constituam uma separação do Judaísmo”[66].

Eis, em síntese, o que se procura demonstrar: entre o Cristianismo e o Hebraísmo há uma oposição de contradição de caráter teológico: para o Cristianismo, Jesus é Deus; para o Judaísmo, Jesus não é Deus. Entre o Islã e o Judaísmo, ao contrário, não há nenhuma oposição de caráter teológico, ao passo que existe uma oposição de contradição entre o Cristianismo e o Islã a respeito dos dois principais Mistérios da Fé: a Unidade e a Trindade de Deus e a Encarnação, a Paixão e a Morte de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.

Segundo Lea Sestrieri, a ruptura entre o Judaísmo e o Islã ocorreu por razões de caráter ou pessoais; de fato, “para uma personalidade como a de Maomé, a desconfiança dos judeus, ditada pela superioridade e pela tradição... foi mais que suficiente para provocar a ruptura... Por isso, poderíamos concluir que a separação entre Hebraísmo e Islamismo foi religiosa apenas em parte; ela foi determinada essencialmente pelo desejo de supremacia do Islã”[67].

Outro eminente pesquisador, Günter Stemberger, admite a dependência do Islã em relação ao Judaísmo: “NO INÍCIO, O HEBRAÍSMO... INFLUENCIOU FORTEMENTE O ISLÃ, ainda que, posteriormente, este tenha recebido dele uma influência fecunda. ...Foi precisamente o contexto político-cultural do Islã que contribuiu para a difusão do Judaísmo rabínico”[68]; em seguida, ele entra em detalhes e confirma a influência

65 L. SESTRIERI, Gli Ebrei nella storia di tre millenni, Carucci, Roma 1980, pp. 92-95.
66 Ibidem, p. 95.
67 Ibidem, pp. 94-95.
68 G. STEMBERGER, Il Giudaismo classico, Città nuova, Roma 1991, p. 288.

rabínica sobre Maomé: “Muito antes de Maomé, já existiam comunidades judaicas na Arábia: elas desenvolveram uma intensa atividade missionária... MAOMÉ teve, assim, a oportunidade de conhecê-las e de tomar contato com sua tradição. ...ELE BASEOU AMPLAMENTE SUA DOUTRINA NA TRADIÇÃO BÍBLICO-HEBRAICA. ...Há MUITÍSSIMOS ELEMENTOS QUE LIGAM claramente O ALCORÃO e o pensamento islâmico posterior À TRADIÇÃO JUDAICA”[69].

Stemberger enumera, em seguida, os pontos de contato entre o Islamismo e o Judaísmo: a fé, a lei religiosa e as histórias narradas, que já vimos no artigo anterior. Mas parece-lhe oportuno deter-se nas prescrições legais relativas aos alimentos. Maomé retoma, em essência, as proibições já conhecidas do Judaísmo, embora em menor número. Contudo, “permite-se aos muçulmanos comer a carne abatida pelos judeus”[70].

Vermijon responde à questão levantada por Lea Sestrieri sobre a ruptura entre o Judaísmo e o Islã, traçando um paralelo com Lutero: “Lutero... aliou-se aos judeus e foi apoiado por eles; mas, quando o fogo da heresia se acendeu, eles deram marcha à ré e se retiraram. Por essa reviravolta, Lutero os atacou por meio do opúsculo Os judeus e suas mentiras... O rabino Camerini reconhece que a Reforma, ao manter os cristãos ocupados lutando entre si (como justamente desejava o Judaísmo), marcou uma trégua nas perseguições antissemitas. ...Pode-se, portanto, pensar que a intervenção da Sinagoga não foi alheia à própria origem do Maometismo. No início, Maomé foi ajudado pelos judeus com conselhos e ouro. Mas, UMA VEZ DIFUNDIDA ESSA RELIGIÃO, ELES ENCONTRARAM UMA MANEIRA DE SE RETIRAR ÀS ESCONDIDAS. ...Isso foi, na verdade, obra do fanatismo de um punhado de judeus, entre os mais respeitados da cidade de Medina, que lançou as bases do poder político-religioso do Islã. Depois disso, pode-se facilmente deduzir quanto o Judaísmo tem interesse em que os ‘goyim’ lutem entre si e se mantenham o mais distraídos possível dessas coisas”[71].

---

69 Ibidem, pp. 288-289.
70 Ibidem, p. 290.
71 VERMINJON, Le forze occulte che manovrano il mondo, Roma 1977, pp. 64-66.

Os Judeus em Medina

“Quando as duas tribos árabes dos Aus e dos Khazradj avançaram em direção ao oásis de Yathrib [por volta de 620 a.C.], encontraram a cidade já ocupada por tribos judaicas, e os árabes foram, portanto, obrigados a se colocar sob a proteção das tribos judaicas... A tradição designava as tribos judaicas por três nomes: os ‘Banu Qurayza’... A segunda tribo judaica era a dos ‘Banu an-Nadir’... A terceira tribo judaica era a dos ‘Banu Qaynuqa’... Se considerarmos também que, em Medina, havia um número considerável de judeus que não faziam parte dessas três tribos, podemos estimar que... a população hebraica, em seu conjunto, era de aproximadamente 10.000 pessoas” (J. BOUMAN, Il Corano e gli Ebrei, Queriniana, Brescia, 1992, pp. 73-74).

Maomé se aproxima dos Judeus de Medina

Maomé, ainda segundo o professor Johan BOUMAN (docente de islamologia em Beirute e de história das religiões em Marburgo), aproximou-se dos judeus de Medina com objetivos específicos. “Após cerca de 12 anos de pregação em Meca, ele se convencera de que sua mensagem nada mais era do que a dos judeus... e de que havia sido escolhido por Deus para anunciá-la aos árabes, em uma língua árabe clara”. (Op. cit., p. 75).

Mas, segundo nosso autor, já havia uma dicotomia oculta na relação entre Maomé e os judeus, que conduziria gradualmente à ruptura e à tragédia... “Por um lado, Maomé precisava do apoio moral e religioso dos judeus durante seu primeiro ano em Medina; por outro, porém, não estava muito interessado nos judeus, mas sobretudo nos árabes e na luta contra a idolatria e o politeísmo... Maomé adotou diversas práticas religiosas judaicas, que, no entanto, não eliminaram a ambivalência... A prática da oração dos judeus... O repouso sabático que começava na noite de sexta-feira... Maomé, muito antes da Hégira, já havia se esforçado para moldar

as práticas de piedade islâmicas segundo o modelo dos judeus... Mas também aqui nos deparamos com ambiguidades: Maomé seguiu, em parte, as tradições hebraicas; mas, em parte, também lhes deu um novo conteúdo, adaptando-as... ao modo árabe de compreender as coisas. (...) Maomé, não apenas em Meca, mas também em Medina, considerava o Hebraísmo uma religião estreitamente ligada ao Islã, com a consequência de que os judeus de Medina deveriam ser aliados seguros em sua luta contra os politeístas" (Op. cit., pp. 75-78).

Mas Maomé conservou todo o seu "ser árabe", o que manteve certa ambiguidade em suas relações com o Judaísmo e, pouco a pouco, levou à ruptura (cf. op. cit., p. 80), por motivos étnicos ou de nacionalidade, e não religiosos, como ocorreu, por exemplo, com as Igrejas nacionais (galicana, anglicana...), que se separaram da Religião Católica, inicialmente sobretudo por motivos de nacionalismo ou regalismo.

Rumo à Ruptura

"Hoje já não é possível determinar por quais razões exatas os judeus se recusaram a aceitar Maomé... [Contudo], no Alcorão do período de Medina, pode-se encontrar a seguinte reação de Maomé à recusa dos judeus..." (Op. cit., p. 84). De todo modo, pode-se afirmar que Maomé aprendeu sua religião na escola judaica, que pensou em se aliar aos judeus para lutar contra os politeístas, embora preservando seu "ser árabe", e que, diante da recusa dos judeus por motivos étnicos, "que não quiseram admitir que Maomé era o profeta" (Op. cit., p. 85), revoltou-se contra aqueles que haviam sido seus mestres intelectuais. De fato, "um profeta árabe que ajudasse os árabes a conquistar grande poder certamente não correspondia a uma das expectativas dos judeus em relação ao Messias. Os objetivos étnicos de Maomé não eram compatíveis com os dos judeus".

Maomé contra os Judeus

Os muçulmanos venceram a batalha de Badr (ano II da Hégira). Maomé convenceu-se de que Deus estava com ele e com seu povo; por isso, “pensou que havia chegado o momento de se livrar do peso cada vez maior dos judeus” (Op. cit., p. 89). Ele não aceitava a MISSÃO DIVINA DOS ÁRABES (de fato, cada um está convencido, infelizmente, de que existe uma única missão divina e de que, naturalmente, ela pertence a seu povo...).

“Depois de sua ruptura com os judeus, até mesmo o vínculo com o Judaísmo enfraqueceu. O centro da história da Revelação deslocou-se de Jerusalém para Meca. Começava, portanto, o período de ARABIZAÇÃO do Islã... O Islã encontrou, assim, seu centro geográfico... no coração da Arábia” (Op. cit., pp. 102-103). O professor Sergio Noja, grande islamólogo italiano, também escreve a esse respeito: “A atitude inicial de Maomé em relação aos judeus foi marcada pela mais ampla e ingênua abertura; isso explica a amargura posterior de Maomé e sua reação violenta. De fato... ele havia indicado Jerusalém como a direção para a qual se deveria rezar, mas, em vez de receber dos judeus palavras de simpatia e adesão, foi alvo de zombarias ferozes: ‘Maomé e seus companheiros não sabiam onde ficava a “qiblah” [direção da oração], até que nós os orientamos’... O homem que havia suportado durante vários anos, em Meca, as zombarias que todos os dias lhe eram dirigidas [pelos árabes] não conseguia se conformar com o fato de não ser bem recebido pelos judeus. (...) O sinal da ruptura foi a mudança da “qiblah”; (...) A partir de então, a nova direção da oração foi fixada em direção à “Caaba”” (S. NOJA, Maometto profeta dell’Islam, Mondadori, Milão, 1974, pp. 210-217).

Para R. A. Rosemberg, “o Islã, em espírito, está mais próximo do Judaísmo do que do Cristianismo clássico. De fato, ensina um monoteísmo sem concessões e rejeita a presença de imagens, humanas ou de animais, em seus locais de culto. Seus fiéis praticam a circuncisão e não comem carne de porco. Suas autoridades religiosas não são sacerdotes que

celebram ritos sagrados, mas estudiosos da lei sagrada, como os rabinos. Maomé foi extremamente influenciado pelos judeus que conhecera em sua cidade natal, Meca, na Arábia. Em seus primeiros ensinamentos, havia dito a seus discípulos que se voltassem para Jerusalém no momento da oração, como fazem os judeus. Queria que observassem o sétimo dia, ou sábado, e o Dia do Arrependimento como jornada anual de jejum e expiação. Mas modificou essas práticas no dia em que os judeus, dos quais havia se aproximado, se recusaram a considerá-lo o último profeta, sucessor dos profetas de Israel e de Jesus, os quais, segundo ele, haviam preparado seu caminho”[72].

---

72 R. A. ROSEMBERG, L’Ebraismo. Storia, pratica, fede, Mondadori, Milão 1995, pp. 84-85.

✠ As seguintes notas estão sem referência no *original:I*

72 Ao assassinar assim o espírito, esse crime é muito mais grave do que o homicídio [ver Sodalitium nº 5, pp. 14-23 (ed. it.)].

73 Ibidem, p. 94. Sobre o tema, ver também R. BARKAI, Chrétiens, musulmans et juifs dans l’Espagne médiévale, ed. du Cerf, Paris 1994.

75 IL GIORNALE de 12/11/94 (p. 15) traz uma entrevista com Mahmud El Adhar, um dos líderes incontestáveis do Hamas em Gaza, na qual se lê: “PARA NÓS, MUÇULMANOS, OS JUDEUS NUNCA CONSTITUÍRAM UM PROBLEMA COMO TAIS. Nós os acolhemos todas as vezes que vocês, europeus, decidiram se livrar deles. Começamos há cinco séculos, quando os espanhóis começaram a expulsá-los de seu império”. O próprio Arafat declarou recentemente: “Queremos a paz com NOSSOS PRIMOS JUDEUS”; de L’OSSERVATORE ROMANO, 21 de agosto de 1994, p. 2.

Bibliografia

C. BAFFIONI, Storia della filosofia islamica, Mondadori, Milão, 1991.

A. BAUSANI, L’Islam, Garzanti, Milão, 1987.

J. BERAUD-VILLAS, Islam d’Hier et de Toujours, Arthaud, Paris, 1969.

A. FAHD, TOUFIC-BAUSANI, L’Islamismo, Laterza, Bari, 1991.

R. GARAUDY, Promesses de l’Islam, Éd. du Seuil, Paris, 1991.

C. GASBARRI, Cattolicesimo e Islam oggi, Città Nuova, Roma, 1972.

H. LAMMENS, L’Islam, Croyances et institutions, Librairie orientale, Beirute, 1943.

B. LEWIS, Il linguaggio politico dell’Islam, Laterza, Roma-Bari, 1991.

H. C. PUECH, Islamismo, Laterza, Roma-Bari, 1991.

M. QUTUB, Equivoci sull’Islam, Sita, Ancona, 1980.

R. DAMONTECROCE, I Saraceni, Contra legem sarracenorum, Nardini, Florença, 1992.

E. VARRIALE, La legge sacra. Diritto e Religione nell’Islam, Stamperia della frontiera, Careggio, 1986.

G. LEVI DELLA VIDA, Arabi ed Ebrei nella Storia, Guida Ed., Nápoles, 1984.

G. BALDACCI, Arabi ed ebrei, Longanesi, Milão, 1968.

G. TROVATO, Mahomet e gli ebrei, Agate, Palermo, 1939.

A. UCCELLI, Gli Arabi nella storia e nella civiltà, Vallardi, Milão, 1912.

G. VALABREGA, La Rivoluzione araba, Dall’Oglio, Milão, 1967.